

ALÍPIO TOMÉ PINTO

Ao Serviço da Pátria



Filho de Virgínia Amélia Pinto, e de Bernardo Domingos Pinto, proprietários rurais, nasce a 14Jan1936 na aldeia do Cimo do Povo, freguesia de Maçores, concelho da Torre de Moncorvo.

Na escola mista de Maçores conclui a instrução primária, e depois no Colégio Campos Monteiro os estudos secundários, completados no liceu portuense Alexandre Herculano e no Liceu Nacional de Bragança.

Em 15Out1953 ingressa na Escola do Exército.

No final do ano lectivo 1956/57 conclui o curso de Infantaria.

Em 01Dez1957 promovido a alferes e colocado na EPI-Mafra como instrutor de infantaria.

Em 01Dez1959 promovido a tenente.

– «Entre 1959 e 1961 teve várias louvores, por ser considerado um “oficial de forte personalidade, excelente colaborador, leal, consciente, zeloso, dedicado, competente, inteligente, correcto, disciplinado e disciplinador, disponível, estudioso inigualável, metódico, interessado, com carácter, revelar sangue frio, espírito de sacrifício, excelentes dotes que lhe são peculiares”.»

Em 28Jan1961 casa com Maria Lucília Jorge Rato.

– «Nessa altura só podíamos casar aos 25 anos. [...] Estive para não ir ao meu casamento, como dizia o meu comandante coronel [Alberto Vilarinho da Rosa] Garoupa, porque entretanto aconteceu a questão do “Santa Maria”.»

Em 28Mai1961, tendo sido mobilizado pelo RI14-Viseu como comandante de um pelotão da CCac129/BCac155, embarca no NTT 'Niassa' rumo a Angola.

– «Começámos a preparar alguns quadros em Mafra e em Maio estava eu a caminho de Angola: era ainda subalterno, tenente, e levei uma companhia de Viseu, a 129, de rapazes que já estavam na disponibilidade, que já tinham cumprido dois anos de serviço militar e que foram chamados para cumprir mais dois anos em Angola. Julgo que alguns desses rapazes estiveram um total de cinco anos no serviço militar. Isto mostra bem o espírito de dádiva com que partíamos: era complicado ir para Angola; era toda uma vida que mudava, tanto para aqueles que tinham estudado cinco anos num curso, como para os que não estudaram e para os que já estavam casados. Mas não encontrei em nenhum deles qualquer reacção negativa ou espírito de revolta. [...] Sou oficial do Quadro Permanente, mas os milicianos e o pessoal do serviço militar obrigatório que lá estavam, já tinham cumprido o seu serviço militar ao longo de dois anos e tinham voltado, com uma disponibilidade permanente. [...] Não tive ninguém dentro da companhia que me dissesse que não ia, que desertasse ou que criasse problemas; eles tinham os seus problemas mas havia mais qualquer coisa acima disso.»

Em 09Jun1961 desembarca em Luanda com o seu Batalhão.

– «O meu batalhão foi dos primeiros [dez] a chegar a Angola. Houve um desfile à saída do porto, na Avenida Marginal [Paulo Dias de Novais], com palmas e entusiasmos. Nós íamos de caqui amarelo, com a Mauser e pouco mais. [...] Tive um comandante, o capitão [de infantaria Joaquim Abrantes Pereira de] Albuquerque, que era o primeiro a dar o exemplo: estava no meio das dificuldades e tentava resolvê-las. Foi fácil com aquela gente toda de Viseu, que deu o melhor do seu esforço. Estivemos em Luanda [cerca de três semanas] à espera do material-de-guerra que não chegava, mal instalados num seminário sem paredes e com mosquitos. [...] Saímos de Luanda e fomos para Dondo e daí para Camabatela, Negaje [08Jul61]. Parámos uns dias porque havia conflitos, seguimos para o Uije [Carmona], Songo [10Jul61], Luqueia [ponte do rio na estrada para o Toto]. Depois andámos naquela zona do Luqueia e voltámos ao Songo, Uije [Carmona], Quitexe. [...] Quando íamos a caminho, sentimos que havia ali indícios de população e fomos ver o que é que se tinha passado, até que [antes da ponte do rio Luéje] chegámos à Fazenda Poço. Nunca mais me esqueci de um homem [António Poço], branco, de camisa negra, de quarenta e poucos anos, que estava lá com alguns [bailundos, trabalhadores] naturais de Angola. Quando lá chegámos [na tarde de 18Jul61], dissemos-lhe: “Então, está aqui sozinho, numa zona destas? Tem de vir embora connosco”. Mas ele, de lágrimas nos olhos, disse-nos: “Não. Aqui mataram a minha mulher, mataram-me um filho e um irmão. Portanto, o meu lugar é aqui. Eu não saio daqui”. Este tipo de coisas dava-nos uma força e uma dimensão moral extraordinárias, e todas as dificuldades eram ultrapassadas. [...] Nesta ocasião [três dias antes], houve companhias que tiveram confrontos com grandes núcleos de massas humanas. Houve uma companhia, a [CCac] 115, de Mafra, que se confrontou [em 15Jul61] num outro itinerário [ponte do Lifune > Anapasso], com massas de população [ie, ‘turras’] com catanas. Eu felizmente não tive situações desse género, eram mais situações de emboscadas ligeiras. [...] Quando cheguei ao Quitexe, onde houve uma das mortandades grandes de civis, mulheres, crianças, ainda vi sangue seco em muitas paredes. Quitexe estava abandonado e a minha companhia [CCac129] foi para Quizalala [em 11Ago61], onde começou [ie, tinha alastrado] o terrorismo, que é uma estrada que vai do Quitexe [para noroeste] até São José do Encoje, onde havia uma antiga fortaleza portuguesa [de empacasseiros] na região dos Dembos. [...] Lá fomos para Quizalala e fizemos os patrulhamentos. Era uma zona isolada onde não tínhamos populações. [...] Quizalala era uma fazenda lindíssima, com umas matas de café bem tratadas: era maravilhoso, era até pena haver guerra. Mesmo nós na guerra, às vezes parávamos, sentávamo-nos e ficávamos em silêncio a ouvir a vida e a floresta. Lá andávamos, dávamos uns tiros, mas o nosso contacto com as populações era mínimo. [...] Andávamos numa viaturas civis, com camas metidas em camionetas como se fôssemos bombeiros: à medida que havia conflitos, nós aparecíamos. Nunca tivemos tempo de instalar as camas porque nunca tivemos um quartel. Havia dificuldades no norte por causa dos rios e porque as pontes estavam destruídas, mas o espírito de dádiva ultrapassou tudo. Depois, havia um grande companheirismo: nós vivíamos todos juntos, o médico, o capelão, os alferes milicianos. [...] Estivemos também mais a norte em Nova Caipemba, Songo, Carmona, deslocávamo-nos sempre na zona. Ficávamos quinze dias num lado, regressávamos. [...] Subíamos à serra do Pingano, descíamos, e de vez em quando havia uns confrontos. [...] Num desses contactos, em Novembro de 1961 caímos numa emboscada junto a Quijoão. [...] Eu vinha num daqueles jipões, naquelas picadas que eram um bocado difíceis. [...] Fui ferido por um projectil, que entrou pelo lado esquerdo da cara e alojou-se no outro lado, junto à carótida; partiu-me o maxilar. [...] Só recebi os primeiros cuidados médicos no

estacionamento [de Quizalala], duas horas depois. [...] O médico, o dr. Victor, pedia um helicóptero mas penso que só havia um [Alouette-II] na Região Militar de Angola. [...] Fui de jipão para o Uíje [Carmona] durante umas cinco horas e depois começou a chover [...], com os soldados a meu lado, sempre a acompanhar-me, a agarrar-me por causa dos solavancos naquelas picadas. [...] No hospital [distrital de Carmona] é que houve possibilidade de ser tratado. O pelotão do qual eu era comandante, ficou toda a noite no hospital. Todos eles deram sangue, deram sangue ao seu tenente. [...] No dia seguinte, tive de ser evacuado para Luanda, numa “Dornier” com o [1º cabo enfermeiro] Leonel a acompanhar-me. Fomos de avião mas, como entretanto chegou a hora do almoço dos pilotos, aterraram no Negaje. Quando aterrei [no AB3], talvez por causa do vôo, comecei a sentir-me pior. Veio um médico ver-me, chamou um capelão e este perguntou-me se eu queria levar a extrema-unção. Pela primeira vez, pensei que aquilo era para morrer e, mesmo pouco convencido disto, fiz sinal que sim. Meteram-me numa maca e levaram-me para um barracão de zinco. Toda a gente foi embora almoçar, mas o Leonel não me abandonou. [...] Apercebeu-se de qualquer coisa e disse-me: “Meu tenente, aguente aí que eu vou à messe dos oficiais. Vou buscar um médico. Não demoro”. Ele chegou à messe e insultou os oficiais: “Os senhores estão para aqui a comer e o meu tenente está a morrer”. Nessa ocasião, foram todos para o barracão. [...] O [tenente-coronel piloto-aviador Augusto Cândido Pinto Coelho Soares de Moura] comandante da base, disse que iam levantar dois aviões, um comigo e outro para ver se não acontecia nada ao meu avião por causa da chuva. O avião fez uma primeira tentativa, mas não conseguiu levantar porque aquilo era só lama, terra e chuva. [...] Houve uma terceira tentativa e o avião lá levantou. Fui para Luanda, com o Leonel a meu lado, a conversar e a animar-me. [...] Esta foi a minha primeira grande experiência humana, a de sentir a solidariedade dos soldados. [...] Devo a minha vida ao cabo enfermeiro Leonel Eurico Pires. [...] Depois vim para Lisboa acabar os tratamentos e regresssei novamente a Angola.»

Em 01Abr1962 promovido a capitão.

– «Eu tinha sido entretanto promovido e a minha missão podia ter sido dada por finda, mas não me sentia bem aqui porque pensava: “Os meus soldados estão lá e eu estou aqui? De maneira nenhuma”. Por isso voltei a Angola, mas como fui promovido não voltei à companhia [CCac129], para pena minha. Fiz questão de ir visitar o pessoal da companhia, que já estava noutra zona no coração dos Dembos, no Píri [acantonada desde 30Jun62 na Roça Santarém]. Demorei uma semana a chegar à companhia: ia de patrulha em patrulha, a pedir boleia às patrulhas. Mas tive uma recepção que valeu a pena esse esforço. Fiquei lá uns dias com eles: recordo a mulher do alferes Domingos, que ali ficava sofrendo enquanto o marido estava fora em patrulhas, sem dizer uma palavra, vivendo em condições inimagináveis. Tivemos muitas mulheres que viveram situações deste género. [...] Fui colocado em Nova Lisboa (hoje Huambo). Aí foi outra coisa: tive uma companhia [1ªCCacI/RINL] de pessoal de Angola, num regimento territorial da guarnição local [da RMA]. Fui chefe de estado-maior do comando da zona [ZMC]. [...] De vez em quando dizíamos: “Vamos comer uma lagosta ao Lobito”. Percorríamos 400 quilómetros num fim-de-semana, como se fosse ali ao lado; ou íamos passar um fim-de-semana a Luanda, que ficava a 700 quilómetros. Havia uma vida muito aberta: aí, não havia terrorismo, não havia nada, só a imensidão de Angola que eu percorria, procurando ir a todo o lado. Em Nova Lisboa levávamos uma vida melhor do que em Lisboa. Fazíamos o trabalho profissional, nada mais, com alguma intensidade mas com muito entusiasmo.»

Em 02Nov1962 agraciado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma:

– «Louvado o capitão de infantaria Alípio Tomé Pinto, pela forma brilhante como actuou como subalterno da Companhia de Caçadores nº 129, do Batalhão de Caçadores nº 155, em Angola, nas várias acções em que tomou parte nas regiões de Banza Lende (Luqueia) e Zalala, tendo revelado possuir serenidade, sangue-frio e espírito de sacrifício, que, aliados à sua grande competência, fizeram com que o seu pelotão tivesse uma acção preponderante e decisiva para os bons êxitos da sua companhia. Mesmo gravemente ferido em combate, enquanto pôde resistir à dor, continuou a mostrar firmeza e a incutir ânimo aos seus homens. Os serviços prestados por este oficial em campanha, consideram-se relevantes e distintos.»

Em 22Jun1963 regressa à Metrópole e à EPI.

– «Quando regresssei da minha primeira comissão em Angola, fui colocado em Mafra e nomeado director de um tirocínio para aspirantes [a oficial miliciano]. Fiz um treino intensivo sobre guerrilha. [...] Lembro-me de uns exercícios que fizemos no Natal na serra de Sintra. [...] E em Janeiro estava a preparar uma companhia em Évora, já eu era comandante, para irmos para África. Sabendo que íamos para a guerra – ou para Moçambique ou para a Guiné –, tive trinta e tal voluntários, rapazes que podiam não ir ou que podiam ir noutra companhia, mas que quiseram ir comigo. Fomos para a Guiné.»

Em 08Mai1964, tendo sido mobilizado pelo R116-Évora para comandar a CCac675, embarca no NTT 'Uíge' rumo a Bissau.

– «Fiquei [em Quinhamel desde 02Jun64] a treinar a companhia, já diferente de Angola, com mais meios, para uma guerra mais difícil. [...] Fomos metidos [ao alvorecer de 27Jul64] num barco ao longo do mar [para norte], entrámos no rio Cacheu e fomos despejados em Binta, entre Farim [a 16km nordeste] e Bigene [a 25km oeste]. Era o [ie, um] corredor que vinha do Senegal [pela infiltração do rio Sambuíá] e que depois entrava no coração da guerrilha, que era o Óio, onde a tropa [CCac461] que estava [desde Dez63] em Bigene não avançava e a tropa [1ªCCacl, BCav490 e CCav487] que estava em Farim [desde Mai64], também não avançava. Eu vim pelo rio e deixaram-me [mais ou menos] no meio. [Em Binta desde Jan64 estava uma secção do ERec385, de guarda aos celeiros de mancarrá]. [...] No primeiro desembarque, fiz logo uma patrulha envolvente ao próprio estacionamento. [...] A guerra na Guiné já era difícil [naquele mesmo 27Jul64 morre em combate o guia nativo Paté Baldé]. Na noite em que desembarquei com todos os materiais houve logo fogo-de-artifício, como nós costumávamos dizer, com ataques ao estacionamento. [...] Instalei-me o melhor que pude, que foi em barracões de zinco. [...] Foi o [Luís Francisco] Valente de Oliveira, o ministro [MPAT 1985-95], que era alferes [miliciano] de engenharia [no BEng447-Brá], nos levou os primeiros tijolos para nós fazermos um forno. [...] Nessa companhia ninguém sabia fazer pão, fui eu que ensinei a fazer pão porque me lembrava da minha mãe a fazê-lo. Das primeiras vezes aquilo era uma coisa horrível, mas depois começou a sair bem. [...] Durante o primeiro mês saía quase todas as noites, às nove da noite, fosse com o efectivo que fosse, percorríamos cinco ou seis quilómetros e estacionávamos. Durante o dia é que eu irradiava: fugia das estradas [ie, picadas] e percorria o mato. Depois, usei uma formação que levou a parte contrária, os indivíduos do PAIGC, a chamarem-me o “capitão do quadrado”. Eu soube isso porque havia contactos com o Senegal. [...] Eu saía às vezes com efectivos grandes, dois pelotões, sessenta homens.»

– «Uma vez [em 04Ago64] estive cercado [na região de Lenquetó] e para sair do cerco foi complicado. Foi logo das primeiras vezes. Eu vinha com o tal quadrado mas eles eram em maior número. [...] Eram os chamados bigrupos, muito bem treinados. Fiz um ataque numa determinada zona e quando vinha a caminho, depois de ter colocado postos de recolha e de reforço a caminho, e de empenhar todo o efectivo [da CCac675], comecei a ter tiros de todo o lado já muito próximo do primeiro posto de reforço. [...] Houve logo uns feridos, alguns com certa gravidade. [...] Pedi apoio da Força Aérea e vieram dois T6. [...] Consegui identificar o nosso dispositivo levantando um e depois outro, e depois fiz um tiro à nossa volta para que o helicóptero pudesse aterrar no meio do quadrado, que eu fui alargando. O piloto era excepcional, conseguiu aterrar no meio do quadrado, eu meti os dois soldados feridos – um deles muito grave –, e o helicóptero levantou. [...] Foi um desgaste físico, um cansaço muito grande: foram muitas horas, das nove da noite até às quatro da tarde, hora em que saímos dali em acção de combate, não sei quantas horas ali amochados. [...] Saímos de lá com algumas dificuldades, fomos até ao primeiro posto de recolha que tinha ficado a assegurar-nos a retaguarda, chegaram viaturas e fomos para o estacionamento [de Binta]. [...] As distâncias na Guiné eram diferentes das de Angola: em Angola, 100 ou 200 quilómetros não eram nada; na Guiné, da minha zona para Farim eram só 16 quilómetros, mas se eu conseguisse circular em toda ela já não era nada mau. Era ali ao lado, mas demorei um mês a ir ali ao lado. [...] Uma vez disse [pelo rádio] para o [tenente-coronel Fernando Cavaleiro] comandante [do BCav490] de Farim: “Meu tenente-coronel, eu vou aí almoçar a Farim”. Ele disse: “Almoçar? Mas para isso é preciso pedir a aviação”. Não, não diga nada a ninguém que eu vou aí almoçar”, disse-lhe eu. [...] A estrada tinha só uns abatizes que eu já sabia porque a tinha sobrevoado, levava já os mecanismos preparados para desviar os abatizes. [...] Fui fora da estrada, limpei o que estava fora da estrada e depois foi só chegar o mais rapidamente possível. [...] Cheguei um bocadinho atrasado mas fui lá almoçar, com viaturas e tudo. [...] A dificuldade era o regresso, mas para o regresso eu tinha deixado ao longo do itinerário quase toda a companhia. [...] Não tinha população porque havia pouca em Binta. [...] Eu tinha guias muito bons, um deles o Mamadu era o irmão do régulo. [...] Fomos uma vez fazer uma patrulha à noite, ele ia ao meu lado, penso que levávamos só um pelotão [do alferes miliciano António Duarte dos Santos]. [...] Nessa noite eu disse que precisávamos de apanhar alguém que pudesse dizer o que se estava a passar. Vimos um sentinela que estava com vestes brancas, um mandinga. [...] Disse a mais quatro ou cinco para nos acompanhar. [...] Quando estávamos a um metro dele, o sentinela disparou. Não me apanhou a mim mas apanhou o guia no peito: o Mamadu morreu de imediato. [...] Nos primeiros seis meses saía em todas as patrulhas. [...] Muitas vezes dei por mim, como eles o faziam, a colocar o cantil à frente do estômago ou a pôr mais uns carregadores nos bolsos do camuflado. [...] Eu tive medo, toda a gente tem situações de fraqueza, o vomitar antes de uma patrulha, a falta de apetite. [...] Outra vez demorámos quase uma manhã inteira a segurar o navio [NRP], do comandante [primeiro-tenente António Aníbal Andrade] Baptista Lopes que estava no rio Cacheu, porque quando a maré [macaréu] estava a encher subia de tal maneira que podia voltar os navios. Ele queria-nos passar um filme porque há seis meses que não víamos nada, completamente fora da civilização. Trouxe-nos um filme com uma grande surpresa e queria que nós víssemos aquilo, mas tinha que ser à noite e a luz tinha que vir do navio; andámos quase um dia inteiro a tentar segurar o navio para que se mantivesse na mesma posição. [...] Nos primeiros seis meses assisti a todas as acções de tiro que houve, porque não houve nenhuma a que eu não fosse. [...] Foram cinquenta e tal acções de combate em seis meses.»

Em 28Dez1964 o furriel miliciano Álvaro Manuel Vilhena Mesquita morre no HM241, em consequência de ferimentos em combate no dia anterior.

– «Os primeiros seis meses foram de luta intensa e de combate, e depois passou-se a tratar da população. [...] Cheguei [a Farim] ao comandante de batalhão [BCav490] e disse-lhe: “A minha guerra terminou. Agora, ou vem população ou eu vou-me embora”. Depois houve umas cenas, o tenente-coronel Cavaleiro lá facilitou tudo e eu fiz acções no Senegal para trazer as populações.»

– «Tendo orientado a sua actividade para a contrapenetração do corredor de Talicó e interdição da fronteira, bem como para operações na região do Óio, a partir de 25Jan65 passou a ter um pelotão destacado em Guidaje.»

– «As populações começaram a regressar, fizemos um aldeamento, cuja segurança era feita por eles próprios: dei instrução de armamento aos elementos mais válidos da população, distribuí-lhes armas e eles passaram a fazer a própria segurança. Faziam também as patrulhas connosco e à noite faziam a segurança da sua população. [...] Fiz uma cerimónia quando eles passaram a ser segurança de parte inteira. Tudo isto era ilegal mas o capitão podia fazer tudo. [...] Fiz a cerimónia a essa milícia e eles foram ao içar da Bandeira. [...] De tal forma que toda a gente vinha ao içar da Bandeira, ao domingo de manhã, ficando depois os “homens grandes” – os mais velhos – a conversar comigo debaixo de uma árvore [poilão], sentados, durante umas duas ou três horas. Ali debatíamos os problemas da aldeia, o que é que havia a fazer, etc. Fui convidado para algumas cerimónias religiosas mais íntimas deles. Só soube depois de sair de lá que aquilo se tinha tornado um costume, e que os “homens grandes” queriam conversar com o capitão sempre debaixo daquela árvore.»

Em 30Jul1965 morre em combate o soldado João Nunes do Nascimento, terceira e última baixa mortal da CCac675.

– «No início eu fazia patrulhas de 30-40 quilómetros com uma certa capacidade de resistência, mas no final da comissão quando fazíamos 12 quilómetros já era complicado: tínhamos menos de 30 anos e já estávamos esgotados. [...] Na Guiné fui ferido em combate, com uma granada de morteiro que rebentou por cima da árvore debaixo da qual eu estava. Levei com um estilhaço, senti qualquer coisa e só vi no ombro um esguicho de sangue; e vejo o [comandante de pelotão] alferes [miliciano António Duarte dos] Santos a pôr a mão em cima daquilo, a querer parar o esguicho com a mão toda suja de terra. Houve uma emboscada a seguir e meteram-me num jipe, de onde eu ia dando ordens; foi mais um momento excepcional do meu pessoal. Quando saímos da emboscada, chegou um helicóptero que me evacuou para Bissau. À noite estava eu no hospital, ligado, e aparece o general Schulz que era o governador; eu estava com um prato de bacalhau com batatas à minha frente, ele entrou naquele momento e disse-me: “Eu a pensar que estavas a morrer e estás a comer bacalhau com batatas!”. Ainda tenho o estilhaço. Depois, pedi para sair do hospital porque iam mandar a minha companhia para uma zona difícil, fora da zona da companhia, para o Óio com outro comandante [tenente de infantaria José Pedro da Cruz]. Mesmo de braço ligado apareci lá para fazer essa patrulha com a minha companhia, e tudo correu bem. Não se faz isto por valentia, porque nós também tínhamos medo, mas eu tinha medo era que houvesse qualquer desastre com os meus soldados sem eu estar presente. Eu nunca me perdoaria.»

Em 29Set1965 regressa à Metrópole por ter sido nomeado para frequência no IAEM, no ano lectivo de 1965-66, do curso-geral de estado-maior.

– *«Como eu fui para o curso de Estado-Maior, tive de deixar a companhia. E quando eu estava içar pela última vez a Bandeira, irrompeu um côro de cinquenta ou sessenta miúdos, que estavam na escola e dos quais os meus furriéis eram professores, a cantar o Hino Nacional. São momentos inesquecíveis.»*

Em 29Mar1966 agraciado com a Medalha de Prata de Valor Militar, com palma:

– *«Ao entrar em sector com a sua Companhia, todos os itinerários estavam cortados. [...] De 29 de Julho de 1964, data em que entrou em sector, até 24 de Dezembro de 1964, a Companhia sob seu comando teve 51 acções de fogo, destruiu 418 casas de mato, abateu 80 inimigos, feriu 7, aprisionou 44 [em 27Dez64, entre eles o chefe de um grupo de 48, grande parte caboverdeanos], apreendeu valioso material de guerra e muitas munições. O inimigo, inicialmente muito agressivo, começou a pouco e pouco a actuar com mais cuidado através de emboscadas ou flagelações e a iniciativa passou, praticamente, para as nossas tropas.»*

Em 07Jul1966 promovido por distinção ao posto de major.

Em 31Jul1966 conclui com aproveitamento o curso-geral de estado-maior, ficando colocado na Secção de Organização do EME.

Em 01Ago1969 com o curso complementar de estado-maior, ingressa no Corpo de Estado-Maior (c/antiguidade desde 07Jul66).

Em 07Mar1970 é-lhe confirmada por despacho ministerial a sua posição na escala do Corpo de Estado-Maior.

Em 1970-71 desempenha no Funchal as funções de CEM do CTI-Madeira.

Em 15Jun1971 agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Avis.

Em 28Fev1972 promovido a tenente-coronel (c/antiguidade desde 10Jan69).

Em 09Jul1972 desembarca no aeroporto de Luanda, por haver sido *«nomeado para fazer parte das tropas de reforço»* à GN/RMA.

– *«Fui em 1972 para Angola, para o comando-chefe com o general [Joaquim da] Luz Cunha, onde me dei muito bem. Com as funções que eu tinha, percorri quase toda a Angola. Aí, a guerrilha deixou de ter razão de ser porque houve um desenvolvimento económico imparável. Angola era grande, as pessoas eram muito capazes. Esta comissão, de 1972 a 1974, foi uma comissão mais calma mais serena, de satisfação plena. Angola tinha crescido, havia liceus por todo o lado, estavam lá as mulheres dos militares, quadros permanentes e milicianos, as pessoas iam daqui com o espírito de ajudar o próprio angolano, sem qualquer interesse colonialista. No 25 de Abril eu sabia o que é que se estava a passar, porque o meu telefone era usado para os telefonemas para Lisboa. No dia [04Mai74] em que saiu o chefe de estado-maior do comando-chefe, chegaram alguns daqueles que fizeram parte da revolução do 25 de Abril. O aeroporto tinha uma zona militar e uma zona civil. Muitos dos oficiais foram a correr para a parte civil, porque o avião trazia a equipa que vinha de Lisboa e que tinha feito a revolução. Assisti então a muito oportunismo.»*

Em 20Jul1974 regressa definitivamente à Metrópole, sendo colocado (com o coronel Almiro Canelhas) na 2ªRep/EME; e depois na 1ªRep/EME «a trabalhar em estudos de organização».

Após 16Out1974 transferido para a repartição do gabinete do CEME (Carlos Fabião).

Em 31Ago1975 promovido a coronel.

Em 25Nov1975 integra o posto-de-comando instalado do RCmds-Amadora.

Em 02Dez1975 nomeado CEM-QG/RML.

Em 1977 comandante do RIOQ-Queluz.

Em 1977-78 comandante do RI1-Serra da Carregueira.

Depois, 2º comandante da RML.

Em 12Jan1979 brigadeiro comandante da 1ªBMI.

– «Sob Comando do CINSOUTH e conjuntamente ao exército italiano, participou nos sucessivos exercícios "Display Determination 80" e "Wintex Cimex 81", que trouxeram à BMI duas Menções Honrosas.»

Em 05Mai1981, sendo comandante do Campo Militar de Santa Margarida, promovido por distinção à patente de general.

No final de 1981 colocado no EMGFA como director do Departamento de Pessoal e Logística.

Em 28Ago1982 nomeado comandante-geral da GNR.

Em 04Jul1984 agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis.

– «"Oficial General possuidor de invulgares profissionais, espírito de iniciativa, raciocínio, total dedicação à causa pública, empreendeu acções de estudo, reorganização e actualização que tiveram em vista a publicação do importante decreto orgânico da Guarda Nacional Republicana". Na sequência deste diploma e sob o seu comando, foi publicado o Estatuto do Militar da GNR, bem como o do oficial, do sargento e do praça. Dotado de relacionamento pessoal fácil e franco, com virtudes militares, desempenhou e desenvolveu uma acção brilhante em favor das populações do Estado Português e GNR.»

Em 29Dez1987 nomeado Quartel-Mestre-General do Exército.

Em 03Mai1988 nomeado vice-CEME.

Em 19Mar1991 pede exoneração daquele cargo e no dia seguinte nomeado pelo CEMGFA general Soares Carneiro, como seu assessor pessoal.

Em Jun1991 nomeado representante de Portugal na Comissão Conjunta para a formação das Forças Armadas Angolanas, nos termos dos "Acordos de Paz" firmados em Bicesse (01Jun91).

Em 27Set1992 cessa funções na CCPM, mas permanece em Luanda até finais de Nov92.

– *«O excelente trabalho desenvolvido naquela Missão de Paz, merece-lhe louvor do MDN que coloca “em evidência a sua coragem, inteligência, constante dinamismo, sacrifício e elevada dedicação”, sendo agraciado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos.»*

Em 04Mai1993 nomeado juiz-vogal do STM.

Em 1994 pede exoneração daquele cargo.

Em Jan1995, na situação de reserva, autorizado a *«exercer funções de curadoria ou consultadoria em instituições ou empresas de direito privado»*, fazendo parte desde a sua fundação, do conselho de curadores da Fundação Portugal-África.

Naquele mesmo ano inicia colaboração com a administração da Petrogal, em estudos de geoestratégia para implementação daquela empresa na África Austral.

A partir de 1996, integrando o conselho consultivo da FCT/UNL, colabora com o prof. dr. Hernâni Lopes em trabalhos da mesma área, designadamente como consultor da SAER para questões geoestratégicas em África.

Da sua folha de serviços, constam:

– treze louvores a nível de ministro ou oficial-general (de entre os quais se destacam um pelo Ministro do Exército, três pelo Ministro da Administração Interna, dois pelo CEMGFA e um pelo CEME);

– quinze condecorações nacionais (de entre as quais se destacam uma Medalha de Prata de Valor Militar com Palma, três Medalhas de Ouro de Serviços Distintos, duas Medalhas de Prata de Serviços Distintos com Palma, a Medalha de Mérito Militar de 1ª Classe, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis, e o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Avis);

– dez condecorações estrangeiras (Rio Branco do Brasil, Leopoldo II da Bélgica, a Militar da Áustria, o Grau de Oficial da República Federal da Alemanha, Comendador da Ordem Nacional de Mérito da França, Grau de Cavaleiro Comandante Honorário da Divisão Militar da Ordem do Império Britânico, Ordem de Francisco de Miranda de 1ª Classe da Venezuela, Cruzeiro do Sul do Brasil, e a Gendarmerie National de França).

Em 10Jun2009 preside, defronte ao Memorial Nacional “Aos Combatentes do Ultramar”, à comissão executiva do XVI Encontro Nacional de Combatentes.

– *«O tenente-general Tomé Pinto acusou hoje, os sucessivos Governos, de “falta de coragem” no reconhecimento de “coisas tão simples e merecidas” como a contagem do tempo que os ex-combatentes passaram na guerra do Ultramar para efeitos de reforma.*

“É simples, é devido e se o não fazem é incompreensível”, defendeu hoje o tenente-general Alípio Tomé Pinto, presidente da comissão executiva das cerimónias do XVI Encontro Nacional de Combatentes, que esta manhã decorreu em Belém, junto ao monumento de homenagem aos mortos em combate na guerra ultramarina.

Para Tomé Pinto, a contagem do tempo passado ao serviço das Forças Armadas na guerra do Ultramar é uma “coisa simples” que podia ser alcançada com facilidade, tendo faltado “coragem” aos sucessivos Governos para que isso se concretizasse.

"Esse tempo, que foi difícil e de luta, devia contar a dobrar ou a triplicar. Estranhamente, às vezes há dificuldades em reconhecer coisas tão simples, que são merecidas e são devidas. A questão das reformas é mais que devida. Falta aos governos coragem. Às vezes poderá haver algum complexo, mas há que enfrentar estas questões", afirmou o também ex-combatente.

O tenente-general criticou o esquecimento a que os militares que combateram em África foram sendo votados com o passar dos anos, dizendo que "não deve ser assim" e que se queremos "um futuro rico", temos que nos "orgulhar do passado, com os seus altos e os seus baixos".

Tomé Pinto sublinhou que é um dever perante os portugueses reconhecer estes direitos como o da reforma devida aos cerca de 800 mil militares do Ultramar e às suas famílias que, frisou, "estiveram hipotecadas nisto" [a guerra], durante vários anos.»

fontes primárias:

- excertos de depoimento do epigrafado (concedido em 03Abr1995 e publicado em "A Guerra de África")

bibliografia:

- arquivo pessoal do autor (da presente resenha curricular castrense)
- Ordens do Exército (2ª série, de 1960 a 1975)
- RHMCA/CECA-EME
- diversos conteúdos disponíveis na internet